



## **A Imprensa e a Guerra do Paraguai**

A imprensa foi farta em noticiar e analisar todos os aspectos que envolviam a Guerra do Paraguai. Recrutamento forçado, charges sobre a convocação de pessoas doentes e de velhos raquíticos, grandes negociatas, arbitrariedades de toda a sorte e até mesmo críticas a comandantes, na condução da luta, eram assuntos constantes nos jornais da época.

O “Diário de São Paulo”, um dos jornais pesquisados, fundado em 1865 por Pedro Taques de Almeida Alvim e Henrique Schoeder, refletia a fase de mudanças em que o país entrava. A agitação e as contradições da sociedade brasileira, sobretudo o problema da escravidão, a reforma eleitoral, o federalismo e a questão religiosa, são temas abordados em seus artigos.

No editorial de 8 de novembro de 1865, este jornal sugere, que o recrutamento seja dividido igualmente entre as províncias, para não abalar a agricultura, lembrando que o número de pessoas recrutadas, soma-se aos que se embrenham no mato, para escapar do conflito. Tais fatos explicariam a queda da produção agrícola em nossa província. Em Franca um caso mereceu espaço. Trata-se dos desertores do Cel. Drago, que armados enfrentaram a polícia.

Por estes acontecimentos, podemos notar que o povo repelia a idéia de seguir para a guerra e isto já era registrado no início do conflito, quando ainda se pensava que a vitória seria rápida, um verdadeiro passeio ao Paraguai. A tendência foi portanto de crescimento desta fobia, na medida em que o confronto se agravou e as notícias de reveses e perdas humanas, começaram a chegar ao Brasil. Os jornais estão repletos de casos de perseguições políticas, no recrutamento. No “Diário de São Paulo” de 11 de novembro de 1865, os conservadores são acusados, de mandar desafetos políticos para a linha de frente. Patriotas e voluntários são satirizados. As charges apanham aspectos curiosos e verdadeiros. “Uma casa é invadida e o marido é arrastado de sua própria cama, sob a alegação de que se os solteiros fogem, os casados não escapam”.

Na verdade, mesmo provando o estado civil e a idade superior a trinta anos, os homens são forçados a seguir para a luta, portando documentos falsos com a data de idade abaixo da verdadeira. Naturalmente, tudo providenciado, pelas autoridades encarregadas

em recrutar voluntários. Isto explicaria o elevado número de deserções e até a crise agrícola, pois a guerra levou, arrimos de famílias e braços da lavoura.

O próprio povo repudiava os critérios de recrutamento, conforme artigo no “Diário de São Paulo”, de 21 de novembro de 1865. A população vendo a tropa em formação comentava entre si: este não chega em Santos, tal o estado lastimável em que o recrutado se encontrava. Fato confirmado, porque o infeliz logo a seguir teve ataque e caiu morto. Este acontecimento dá uma idéia do tipo de inspeção feita pelas autoridades competentes, bem como dos alistados para a luta.

### **Corrupção, Negociatas, Perseguições no Recrutamento Forçado**

Estas são manchetes diárias nestes dias de guerra. No “Diário de São Paulo” de 3 de janeiro de 1867, o editorial faz denúncias à Administração da Província, indicando que se passa uma horrível perseguição no recrutamento. O presidente da província é acusado de ser frio e insensível.

“Velhos, órfãos, mulheres de recrutados reclamam suas pensões e declara que estão vivendo na mais absoluta miséria”.

O comércio e a indústria estão paralisados. Outro fato inusitado, retratado pelo mesmo jornal, é a ida de uma Comissão até Fernando de Noronha para examinar sentenciados detidos no presídio local que pudessem ser alistados. De 1080 sentenciados, a Comissão considerou que 723 estavam em condições de servir. Nem condenado escapa ! Afinal onde estão os voluntários se até os presídios fornecem tropas para a guerra.

Outro ângulo explorado pelos jornais, são os recrutados oferecidos como substitutos de designados. O “Diário de São Paulo” de 4 de janeiro de 1867, transcrevendo matéria do periódico, “A voz do Povo”, faz sérias denúncias a este respeito. Companhias de soldados são extintas e oficiais continuam recebendo o soldo. Fatos como este, envolvendo corrupção, estão todos os dias nos jornais. O desamparo do ex-combatente que retorna da guerra é total:

Um leitor declara que retornou da guerra, sem parte do braço, perdendo portanto a mão. O Ministro da Guerra havia lhe prometido um emprego de guarda de barreira. Contudo, o soldado mutilado, foi recusado pelo



administrador, que alegou ter homens de sua confiança para este trabalho. O ex-combatente foi relegado ao maior abandono pelas autoridades.<sup>1</sup>

No editorial de 6 de janeiro há críticas aos liberais, sobretudo ao Ministro Zacarias de Góes, acusado de provocar a guerra com seu ultimato. Em outro trecho denunciam:

O Ministro Furtado prosseguiu na condução do governo com total desmazelo permitindo vitórias do Paraguai, que ameaçaram seriamente nossos interesses. Os Conselheiros Carrão e Paula Souza, são acusados de não fiscalizarem o dinheiro público, pactuando com dilapidações: motivo segundo alguns analistas, para o prolongamento do conflito.<sup>2</sup>

Outro aspecto que impressiona, são relatos de batalhas, confrontos, missões arriscadas, onde a vida humana não merece valor algum. Como por exemplo o episódio das linhas negras do Tem. Bicudo, na batalha de Tuiuti. O referido militar, fazia incursões com soldados das linhas avançadas às trincheiras paraguaias, surpreendendo-os e provocando muitas baixas de ambos os lados. A temeridade destes atos, sempre jogando com a vida de pobres soldados, nos mostram o pouco que valiam suas existências.

O jornal “O Correio Paulistano” nasceu em 1854 na fase política da Conciliação, quando os debates pela imprensa arrefeciam. Apoiava na província o governo do Conselheiro Saraiva e publicava matéria oficial e debates na Assembléia. Em 1869, terminava a Conciliação e o jornal aderiu aos liberais. Em artigo de 3 de janeiro de 1867 sob o título “Notícias da Guerra” informa:

O Eng. Bell que fora construtor das fortificações de Tuiuti, Curupaiti e Humaitá, morreu envenenado por ordem de Lopes. Este desconfiado sua fidelidade, o mandara matar para que não soubessem, os lugares onde foram colocados minas e torpedos.<sup>3</sup>

“Sob o título Ato Patriótico, datado de 18 de janeiro de 1867 no mesmo Jornal, vem o comunicado : “que o Sr. Comandante F. M. Homem de Mel libertou dois escravos para servir como voluntários”.

---

<sup>1</sup> Arquivo do Estado de São Paulo. Jornal Diário de São Paulo, 4 de janeiro de 1867.

<sup>2</sup> Arquivo do Estado de São Paulo – Jornal A Voz do Povo, 6 de janeiro de 1867.

<sup>3</sup> Arquivo do Estado de São Paulo – Jornal Correio Paulistano, 3 de janeiro de 1867.



Notícias de doações de parte dos vencimentos, como o fez o coletor Francisco Pereira Mendes, segundo a nota de 24 de janeiro de 1867, libertação dos escravos para serem oferecidos ao exército, são quase diárias nos jornais. Estranho tipo de patriotismo...

O editorial de 19 de maio de 1867, criticou o lamentável estado que se encontram as nossas finanças e negócios públicos, sendo a Guerra do Paraguai, a fonte de todos os males. A 21 de maio de 1867, o mesmo jornal relata, que o Desembargador Tavares Bastos, usa de todos os meios para arregimentar homens para a guerra. Não levava em consideração os protestos populares e a legalidade de seus atos o que arrastava a província à beira de uma explosão popular.

No mesmo dia, no artigo “Notícias do Prata”, há a informação de que o forte Curuzu continua sendo bombardeado e que até agosto a guerra estaria concluída. A luta era vista como rápida, mas enormes dificuldades teriam ainda que ser enfrentadas para o término do conflito.

Em 26 de maio de 1867, o chefe de polícia em visita à cidade de Batatais, capturou três recrutas como castigo por arruaças. Este acontecimento segundo o Jornal, está em consonância com o que ocorre na capital da província. Por toda a parte denúncias de recrutamento forçado são feitas desde a imprensa mais conservadora até jornais de tendências radicais. Outro fato que chama atenção é o elevado número de fugas de escravos nestes dias.

A explicação para isto, é que a repressão cresce sobre os que ficam. A falta de braços exige maior produção. Para escapar aos castigos e trabalho excessivo, os negros fogem. Aumentam também os crimes de escravos contra senhores e capatazes.

Em artigo datado de 18 de julho de 1869, transcrevendo matéria do jornal liberal, “A Reforma”, publicado na Corte, questiona-se:

“O tom misterioso que envolve a guerra e tudo que lhe diz respeito. O canto épico dirigido ao Conde d’Eu, comandante brasileiro. E a clássica pergunta:

- Por que a guerra não terminou?

- Porque Caxias não quis. Agora a situação agrava-se, já que Lopez está com armas e alimentos. E a topografia da Cordilheira, não favorece os aliados.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Arquivo do Estado de São Paulo – Jornal A Reforma - 18 de julho de 1869.



Notícias do mesmo dia, informa que o General MacMahon, representante dos EUA, retirou-se do Paraguai diante da insegurança da guerra. Suas relações com o Presidente Lopez são as melhores possíveis desfazendo boatos em contrário. Cartas publicadas no periódico paraguaio “Estrella”, confirmam estes fatos. Causou contudo estranheza, os pesados caixotes carregados pelo General americano, em sua partida. Uma das suposições seria tratar-se de ouro que Lopez estaria mandando para fora do país.

Em artigo de 25 de julho de 1869, sob o título: O governo provisório do Paraguai, o jornal “Correio Paulistano” faz sérias críticas à atitude.

A diplomacia brasileira forjou este governo formado por prisioneiros e desertores, sem nenhum apoio popular, não representando a nação paraguaia: pois se assim fosse, seria um claro indício de que Lopez estava derrotado. Este governo, representa apenas a vontade dos exércitos invasores, nada mais.

E ainda:

Cresce o cerco a Lopez, que teve seus suprimentos cortados pelo Gal. Câmara. Este o persegue na Cordilheira, após ter abandonado Caraguatay, cidade que lhe serviu como capital. A guerra está no fim, mas a resistência é feroz.<sup>5</sup>

O “Diário do Povo”, de São Paulo trincheira dos liberais em 1868, redigido por Tavares Bastos, denuncia tenebrosa conspiração ocorrida durante a guerra, tendo como personagens principais, Lopez e Caxias.

Lopez acusa Caxias, como mentor de uma trama que teria início com seu assassinato, aniquilando-se em seguida o Exército paraguaio, mediante a cumplicidade de alguns comandantes.<sup>6</sup>

A Legação Americana sabia da conspiração, fato espantoso, porque Lopez acreditava contar com o apoio desse governo que salvaria o Paraguai com uma intervenção armada. Parece que o ouro brasileiro comprou muita gente na Legação, envolvendo também, altas figuras do governo paraguaio, como o Ministro Berges e irmãos de Lopez.

---

<sup>5</sup> Arquivo do Estado de São Paulo – Jornal Correio Paulistano – 25 de julho de 1869.



Diante destes acontecimentos, o terror se instala no Paraguai, Lopez pune até a própria família. No “Diário do Povo” de 28 de outubro de 1869, um artigo faz sérias críticas à formação militar e inexperiência para o cargo de Caxias:

Sua excessiva precaução, cuidados com detalhes insignificantes e o comando sempre à distância, são suas marcas em todas as campanhas. Em Santa Luzia, no Maranhão, em Monte Caseros, esta sempre foi sua tática.<sup>7</sup>

O jornal completa dizendo que o Marquês de Caxias combate é a cólica, doença que o persegue implacavelmente: sobre Humaitá refere-se o “Diário do Povo”:

Imobilizar um grande exército invasor diante de uma fortaleza. Apagar na lentidão o nobre entusiasmo do soldado. Consumir na inércia capitais imensos. Deixar o inimigo dominar as circunvizinhanças e levantar tranquilamente fortificações por toda parte, e depois ser surpreendido pela fuga dos sitiados. Pode-se neste mundo tudo quanto as paixões partidárias quiserem, menos um feito de armas brilhante, que se tem completado na América do Sul. Mas tranquilizem-se os admiradores do ilustre general. Não tardará o decreto que irá proclamá-lo vencedor de Humaitá.<sup>8</sup>

Caxias não é poupado pelos jornais da época. O “Diário de Pernambuco”, órgão conservador de maior circulação no Império, pedia a paz como recurso extremo. O “Ipiranga”, representante dos liberais paulistas, dirigido pelo acadêmico Salvador de Mendonça e tendo entre seus colaboradores: Luis Gama, Américo Brasiliense, Martim Francisco, era um dos jornais que agitavam a cidade de São Paulo na época vivendo muito em função da Faculdade de Direito. Seus redatores trabalham com armas de fogo sobre as mesas, temendo reações às suas idéias. Nele, Luis Gama começou sua carreira de jornalista. Foi um dos jornais mais críticos da guerra. Em artigo de 22 de outubro de 1868, sob o título “Chegou ao assassinato!” informa:

O segundo suplente de delegado de Patrocínio João Pereira de Morais Paiva, com o único fim de vingar-se do pacífico cidadão Miguel Ramos, mandou uma escolta de vinte praças, para recrutar dois filhos daquele lavrador. Invadiram a casa matando um dos rapazes e prendendo o outro.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> Arquivo do Estado de São Paulo – Diário do Povo, 28 de outubro de 1869.

<sup>7</sup> Arquivo do Estado de São Paulo, Diário do Povo, 28 de outubro de 1869.

<sup>8</sup> Idem



Está salva a pátria! Conclui o artigo. O fato dá uma idéia das arbitrariedades cometidas em nome do conflito. Em outro artigo de outubro de 1868, sob o título “Lopez comanda nosso exército” mais críticas a Caxias que se deixou ficar oito meses diante de Humaitá.

Retirar-se Lopez para Tebiguary e o nosso general faz mover todo o exército até aquele ponto. O marquês de Caxias limita-se a tomar as praças evacuadas por Lopez. Depois de sacrificar mais de oitenta mil vidas e uma despesa superior a quinhentos mil contos, vê-se o famigerado general brasileiro, a contemplar as montanhas paraguaias.<sup>10</sup>

O jornal repudia a estratégia de Caxias, que prolonga a guerra, agora travada em território de difícil acesso: a Cordilheira. Segundo os analistas, Caxias não compreendeu que numa guerra de invasão, o invadido costuma extenuar o invasor, para que este se bata em retirada. Nada fez contudo Caxias para frustrar o plano. Daí o artigo concluir, que quem comanda nosso exército é Lopez e Caxias é apenas seu ajudante de ordens.

### **Notícias dos Anos Finais da Guerra**

Com a ocupação de Assunção desaparecem: Lopez e tropas. Todo o corpo diplomático e a população paraguaia. “Afim pergunta o jornal “Ipiranga”: -onde estão os paraguaios?

Em 28 de fevereiro de 1869, o edital do Ipiranga critica a Missão Paranhos, que instala um governo provisório no Paraguai. Segundo o jornal a guerra não está terminada e este governo não representa o povo do país. Toda a imprensa consultada sobre este período, é implacável em relação a esta medida dos aliados. Em artigo de 3 de abril de 1869, o “Ipiranga” critica a nomeação do Conde d’Eu, para comandar as forças brasileiras no Paraguai.

Caxias ao sair da guerra se justificara, alegando que a luta nesta fase, seria tarefa não para um general, mas para um “capitão do mato”. Fato que levou o jornal a concluir que certamente o Conde d’Eu, teria o perfil para o cargo... A bancarrota nos bate à porta, as

---

<sup>9</sup> Arquivo do Estado de São Paulo, Jornal O Ipiranga de 22 de outubro de 1868.

<sup>10</sup> Idem



instituições correm perigo e a nossa vida como nação está abalada em função do interminável conflito.

O prolongamento da guerra era sentido em todos os aspectos da vida do país e embora Caxias considerasse a luta terminada, ela continuava mais viva do que nunca. O tema emancipação dos escravos começa a aparecer com frequência nos jornais, nestes últimos anos de guerra. Este é o assunto de 20 de abril de 1869, no “Ipiranga”, que reproduz carta do senador Nabuco de Araújo à Sociedade Democrática Limeirense, sobre o projeto da mesma, para emancipar escravos. Terminar a guerra e libertar escravos são os mais importantes problemas brasileiros neste momento, segundo o editorial.

A “Reforma”, que começa a circular na Corte à 12 de maio de 1869, dirigida por Francisco Otaviano, foi o jornal mais prestigiado de sua época. Originando-se no “Clube da Reforma”, fundado pelos liberais, marcou sua atuação política por cobrar mudanças que acompanhassem o desenvolvimento econômico do país. Em artigo de 29 de junho de 1869, informa que chega ao fim o drama paraguaio, só restando a Lopez fugir ou morrer. Notícias falsas haviam circulado, dizendo que Lopez havia pedido uma entrevista ao Conde d’Eu.

O jornal confirma, que Lopez em uma sangrenta retirada, havia mandado lançar sessenta e sete senhoras paraguaias. Estas tiveram que presenciar antes, a morte de seus filhos. Tais fatos ocorreram, porque os envolvidos, foram acusados de colaborar com o inimigo e participarem da conspiração contra Lopez. Em outro artigo, discute-se o estabelecimento do governo provisório no Paraguai pelos aliados, medida mais uma vez criticada. “O ministro Itaboraí garante que a guerra terminará em seis meses. Será que as nossas finanças agüentam até lá?”

Em matéria de 9 de julho de 1869, o jornal censura a atitude de Caxias, que no comando da guerra permitiu a fuga de Lopez com cerca de 90 homens sem ao menos perseguí-los. Este é outro aspecto, que a imprensa toda aborda, considerando inexplicável a atitude do comandante brasileiro. Na medida em que a Guerra do Paraguai foi chegando ao fim, crescia a agitação no país, agravando-se as contradições sociais. Retratando este momento histórico, vem a nota do jornal “Opinião Liberal”, publicado na Corte a 13 de dezembro de 1867.





Foi resolvido no conselho de Ministros a desapropriação de 30 mil escravos para formarem um novo exército libertador do Paraguai. Fechadas as câmaras, meter-se-ão mãos a obra como urgência que o caso exige. Com tal exército e espera o governo salvar a honra do país e desagrá-lo das ofensas recebidas. A conseguir tal resultado o Gabinete Zacarias que deve sua existência ao elemento servil terá de registrar mais um grande motivo de gratidão a este elemento. Limitamo-nos a consignar tão importante notícia; aguardamos por ora os comentários.<sup>11</sup>

Em 28 de fevereiro de 1868, a questão da guerra é discutida sob o lema: “Paz! Paz! É o brado do povo oprimido”. O artigo diz que o conflito converteu-se num desastre e prolongá-lo seria criar um verdadeiro cataclisma.

Os caprichos do governo imperial desde a questão com o Uruguai em 1864, nos envolveu nesta situação, em que a maior vítima é o povo, submetido a um recrutamento feroz. Continuar a guerra é matar o país. A honra da nação foi entregue a prisioneiros e pretos minas. Isto é uma mentira!<sup>12</sup>

Curioso observar que mesmo com todas as pressões, estes aspectos não passavam pela opinião pública da época. Ao negro e à massa sem direitos políticos, cabia defender uma nação de oligarquias rurais. O recrutamento mesmo antes da guerra era uma questão polêmica, abalando inclusive a economia do país. Com a luta, as desapropriações de escravos atingiram enormes proporções e embora fossem indenizados, os fazendeiros viam as lavouras atingidas, já que não era fácil substituí-los.<sup>13</sup>

Sabe-se que a maior despesa da guerra, segundo Nelson Werneck Sodré, foi gasta com alforrias. Segundo o mesmo autor isto seria também um estímulo à extinção do escravismo, fato confirmado no fim do conflito. O jornal “Opinião Liberal”, reflete em seus artigos a fase de estagnação da luta, depois do fracasso de Curupaiti.

Caxias salvaria o império escravocrata mais uma vez. Muito embora, fosse acusado de demorar-se demais. Tempo gasto para enquadrar os libertos e discipliná-los para a “Dezembrada”, fulminante ofensiva brasileira ocorrida em dezembro de 1868, obtendo

<sup>11</sup> Arquivo do Estado de São Paulo, jornal Opinião Liberal de 13 de dezembro de 1867.

<sup>12</sup> Idem

<sup>13</sup> Chiavenatto, Júlio José. Genocídio Americano. A Guerra do Paraguai. São Paulo, Brasiliense, 1979. p. 117.

Caxias sucessivas vitórias: Avaí (6 a 12); Lomas Valentinas (21 a 27) e Angostura (30 a 12); terminando com a resistência de Lopez.

Na revista do Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso, 1951/1952 tomo 65 a 68, o artigo de José Mesquita, “Gente e cousas de antanho”, lembra a epidemia de varíola que atingiu Cuiabá durante a guerra. Outro fato mencionado foi o mau tratamento dispensado aos prisioneiros brasileiros no Paraguai, inclusive dando o exemplo de Carneiro Campos, que não resistindo aos maus tratos, faleceu em Passo Pacu a 4 de novembro de 1867.

Estes relatos demonstram que os perigos da guerra não se esgotavam na mesma. Incluíam também as doenças, as longas marchas até os campos de batalha, não se estranhando portanto o pavor popular e o elevado número de desertores. Se o nosso exército era composto de 80% de combatentes negros, já que quatro entre cinco convocados eram homens de cor, temos aí um retrato de cotidiano, enfrentado por estes homens. Era publicado pelo “Diário de São Paulo”, a 5 de janeiro de 1870, sob o título “Notícias da Guerra” extrato da Tribuna de Montevideú o seguinte comunicado:

O General Câmara, regressa de sua última expedição a Tacuaty. Não consegue aprisionar a força de Romero, em virtude do calor asfixiante. Comenta-se que Lopez em desespero, embriaga-se frequentemente. Mme. Lynch, insiste para que o presidente acabe com o conflito e termine com os sofrimentos do povo.<sup>14</sup>

Um capitão paraguaio aprisionado, informou ao exército brasileiro, que Lopez pretende fugir para a Bolívia, embora este fato seja pouco provável, dada as dificuldades que terá de vencer. Em 7 de janeiro, o editorial do mesmo jornal, critica o governo liberal, acusado de ter lançado o país na guerra, com a absurda “Missão Saraiva”, ultimato dado pelo Conselheiro José Antonio Saraiva, que foi enviado a Montevideú pelo governo imperial para pressionar o Presidente Aguirre. Tais fatos, culminaram na intervenção militar brasileira contra o Uruguai, provocando a Guerra contra o Paraguai, ligado a este país por tratados de defesa mútua.

Até o final da luta ocorrem denúncias de recrutamento forçado, sobretudo de desafetos políticos. A péssima situação dos inválidos de guerra, é notícia constante nestes

---

<sup>14</sup> Arquivo do Estado de São Paulo, Diário de São Paulo, 5 de janeiro de 1870.



dias que antecipam o fim do conflito. O ataque a Lopez é eminente cuja posição já é conhecida. Seu exército está muito debilitado e vem sendo atacado também por índios Caguases e Maracagues.

Um capitão improvisado.

Theophilo Carneiro de Mendonça com uniforme de capitão de exército, passou a recrutar e agenciar voluntários da região de Barra do Pirai. Recebeu adiantamentos de vários fazendeiros, expediu telegramas à Presidência da Província. Até ser descoberto, que o referido capitão, era desertor do Batalhão de Goiás. A polícia o remeteu para Barra do Pirai.<sup>15</sup>

A guerra proporcionou golpes de indivíduos inextruculosos como o citado pelo trecho acima. A 11 de janeiro de 1870, o Conselheiro Paranhos e o General Polidoro fizeram uma subscrição para ajudar famílias brasileiras libertadas dos acampamentos de Lopez. Dentre as famílias estava a viúva do famoso guia Lopez, que participou da Retirada de Laguna. Transcrevendo matéria da folha de Assunção “Regeneração” sob o título: “Cinquenta mulheres para um homem”, o jornal declara: “Pobre Paraguai, temos que restabelecer o equilíbrio que nos países ricos chega a alcançar 3 mulheres para cada homem”.

A maioria dos homens paraguaios sucumbiu com a guerra, restando mulheres, velhos e crianças. Esta é a realidade após o conflito, por isso o jornal de Assunção pede a adoção do casamento civil. A 19 de março de 1870 o governo da Província de São Paulo recebe o seguinte telegrama:<sup>16</sup>

Eis que ontem foi dirigido a Sua Excia o Senhor Presidente da Província, confirmando o término da guerra. Da parte oficial do General Câmara:  
Ilmo e Exmo Sr: Escrevo do acampamento em meio à serra. O tirano foi derrotado. Não querendo render-se, foi morto. Intimei-lhe a ordem de rendição, quando já estava completamente derrotado e gravemente ferido, ao que não acedeu. O general Resquim e outros chefes e oficiais estão prisioneiros.”  
“Dou parabéns a V. Excia. Pela terminação da guerra e do inteiro desagravo que teve o Brasil do tirano do Paraguai. Viva o Imperador! Viva o exército brasileiro! Viva a Nação Brasileira!<sup>17</sup>

O Ministério da Guerra expedia também um comunicado, informando que estava “gloriosamente terminada”, a Guerra do Paraguai. O jornal “A Republica” – Ano I, Rio de

<sup>15</sup> Idem

<sup>16</sup> Arquivo do Estado de São Paulo Jornal Regeneração , 11 de janeiro de 1870.

<sup>17</sup> Jornal A República de 19 de março de 1870.

Janeiro, publicava entre seus anúncios, o lançamento do livro do Cel. Sena Madureira: “Guerra do Paraguai, a resposta do Sr. George Thompsom aos seus anotadores argentinos”.

As polêmicas que envolviam a Guerra, agora terminada, começavam: Uma delas seria a verdadeira História da Batalha do Riachuelo. Em artigo publicado no Jornal do Comércio de 15 de agosto de 1878, o Barão da Passagem, chefe da esquadra imperial, comenta que o Almirante Tamandaré deu ordem de desviar o navio Amazonas, das canhoneiras paraguaias. Tal manobra terminou abalroando outros navios inimigos, tática de incrível efeito, sendo usado então o Amazonas como um aríete contra as embarcações do Paraguai.

Este fato provocou a vitória brasileira portanto um acidente constituiu-se na “famosa estratégia”, utilizada por Tamandaré, para derrotar a armada inimiga. O Almirante Barroso indignado contestou esta versão apoiando Tamandaré. O artigo demonstra que determinados fatos da guerra, não tinham uma interpretação única, nem mesmo entre os militares. Em 1928 na Revista “O Guarani” de 24 de dezembro, um artigo analisa a situação do Chaco. Lembrando a Guerra de 1970, encontramos um interessante comentário: “Os ricos foram os únicos que não estavam sob as ordens de Lopez. Ao contrário, traíram o Paraguai, empunhando a bandeira da Legião”

### **Como os Chargistas da Época Retratam a Guerra.**

O “Cabrião”. Jornal domingueiro começou a circular em São Paulo a 1º de outubro de 1866, sendo publicado até 1886. Foi muito bem recebido pela imprensa da época e trazia a marca inconfundível do talento e estilo de Ângelo Agostini. O brilhante chargista firmou-se por suas posições libertárias e anticlericais, colaborando também em outros periódicos do gênero, tais como: “Diabo Coxo” e “Revista Ilustrada”.

Entrou em choque com o “Diário de São Paulo”, que tinha em João Mendes de Almeida, seu principal redator. No “Cabrião” de 18 de novembro de 1866, a Guerra segundo o jornal, existe porque o país é rico: “Não se guerreem se não porque nas entranhas do teu solo, há ouro para deslumbrar a vista de quantos avarentos possui o mundo (...) Desgraçado país onde meia dúzia de embusteiros procuram dar a lei e fazem do povo um vil instrumento de suas ambições”.

O trecho acima é tão atual, que parece incrível que fale de acontecimentos ocorridos há mais de um século. A crítica diz que a guerra se faz mais pelos nossos aliados do que pelos nossos interesses: “ Há de terminar um dia, o cerco de Tróia durou dez anos, se faltar braços pode-se convocar os jesuítas”.

O anticlericalismo está sempre presente no periódico. No número de 25 de novembro de 1866, o jornal menciona a terrível polêmica que nessa semana atingiu São Paulo, tendo como tema: o patriotismo, o recrutamento e a guerra. O “Cabrião” diz que não tomará partido, porque não quer descontentar seus leitores das duas tendências:

“Quem quiser ser patriota, seja-o. Quem quiser agiota, também e que a cousa lhe faça bom cabelo! Assim pois leitores sobre as questões últimas em que andam de mistura de interesses dos patriotas e agiotas, nem meia palavra”.

Debaixo desta profunda ironia percebe-se os claros e poucos interesses responsáveis pela luta; ainda que os idealistas, exarcebando o patriotismo, não o vissem desta forma. O “Cabrião” sobre o assunto recrutamento, se diz favorável ao mesmo, porque deseja o honroso término do conflito.

Mas não vota pela violação das leis pelos despotismos cometidos e pela illaqueação da boa fé com que o exmo. Governo transmite as suas ordens .O cinismo é tal que se havia chegado a pauta de recrutar o mesmo individuo duas vezes, depois do mesmo ter apresentado sua isenção legal. Outros tem sido perseguidos por motivos políticos, outros...(...)<sup>18</sup>

As charges do “Cabrião” são por si só extremamente significativas e apanham os pontos críticos deste conflito. O “Diabo Coxo”, folha ilustrada de São Paulo, dirigida por Ângelo Agostini, em sua edição de 27 de agosto de 1865, informava na seção “Prêmios de Concurso”: “Ao venturoso mortal que descobrir a predileção e notar o entusiasmo popular pela atual guerra do Brasil contra o Paraguai: um par de olhos de lince”

Em outro irônico anúncio dizia: “A quem descobrir um meio de apreender voluntários para o serviço patriótico da guerra: carta branca de recrutador”.

Através do fino humor, o grande chargista, Ângelo Agostini, capta aspectos verdadeiros do conflito: o recrutamento forçado e a falta de razões para lutar. Se pensarmos

---

<sup>18</sup> O Cabrião de 25 de novembro de 1866.

que ao povo marginalizado, política e economicamente, cabia defender a pátria e proteger interesses de escravocratas, podemos avaliar a ausência de entusiasmo popular pela causa.

### **Charges na Imprensa Paraguaia**

Na imprensa paraguaia, aspectos críticos da luta são retratados em charges significativas e bem humoradas. O exército brasileiro é descrito como uma tartaruga, numa clara alusão à sua demora em marchar para a guerra. Em outra charge a nossa tropa, totalmente negra é derrotada por Lopez em seu sonho. Pedro II de joelhos pede clemência ao Presidente paraguaio.

No jornal Cabichuí, abelha em Guarani, feito pelos soldados paraguaios na linha de frente, aparece um soldado brasileiro, cercado por abelhas por toda parte. Outra charge mostra Pedro II chegando de balão a Mato Grosso e oferecendo liberdade aos negros, desde que tivessem mais filhos para vencer o conflito.

Para Solano Lopez a propaganda da guerra foi bem mais fácil, porque contava com soldados alfabetizados. O Chabicuí tinha bom nível de textos, senso crítico e conhecimentos sobre o inimigo. A título de exemplo reproduzimos um pequeno trecho de um decreto do Cabichuí:

El Cabichuí considerando la conveniência de llamar-se lãs casas de la Guerra por sus próprios nombres, o al menos com nombres que encierem ideas analagas a los efectos uq produzem, há acordado y decreta.

Art 1º- Se proíbe bajo severa pena que desde hoy em adelante se llame bombardeo al que hace la escuarda brasileira: se llamará machacada si es de dia y si es de noche macaquiza.

Referia-se o Cabichuí a má pontaria da esquadra imperial. Os líderes tinham um tratamento pouco respeitável: D. Pedro II era “Macacon”, Porto Alegre virava “Porto Triste”; General Osório, conhecido por “Osário”; e o Duque de Caxias “el gran jefe Macacuno”.

### **Considerações Finais**



Neste trabalho demonstra-se claramente a impopularidade do conflito em nosso país, bem como sua maior vítima: a massa de negros e mulatos recrutados de forma insidiosa e violenta. As charges, a imprensa, o relato dos memorialistas, mesmo sujeitos aos condicionamentos do seu tempo nos deixam uma análise bem próxima a da corrente histórica revisionista. Internamente a situação agrava-se no pós guerra, crescendo o número de escravos: em 1866, 80 mil escravos em 1874, 200 mil.<sup>19</sup>

A massa de escravos que retornou ao Brasil após o conflito, embora livres, continuavam marginalizados, sem condições de ascender socialmente. Os escravos e a população livre

despossuída eram excluídos, direito reservado aqueles capazes de compartilhar os valores morais da sociedade imperial.<sup>20</sup>

A presença dos militares na História Política do país foi outro fato incontestável. O mito da salvação nacional foi utilizado nas revoltas da década de vinte, nos anos trinta e na recente ditadura militar.

O Brasil arcou pesadamente com o custo da Guerra e o Paraguai sofreu uma destruição sem precedentes. A guerra tirou deste país a oportunidade de seguir seu próprio caminho. A imprensa retratou e criticou todas estas contradições da sociedade brasileira na época do conflito.

#### **FONTES:**

Jornais:

A Reforma (de 12 de maio de 1869 a 9 de julho de 1869)

A República (1870)

Anglo Brazilian Times (janeiro de 1869)

Correio Paulistano (de 3 de janeiro de 1867 a 25 de junho de 1869)

Diário de São Paulo (de novembro de 1865 a 7 de janeiro 1870)

---

<sup>19</sup> Granziera, Rui Guilherme. A Guerra do Paraguai e o Capitalismo no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1979. p. 149



Diário do Povo (28 de outubro de 1869)

Jornal do Comércio (de 15 de agosto de 1878)

O Ipiranga (de outubro de 1868 a 20 de abril de 1869)

Opinião Liberal (13 de dezembro de 1867 a 28 de fevereiro de 1868)

#### Periódicos

Diabo Coxo (27 de agosto de 1865)

O Cabrião (de 18 de novembro de 1866 a 9 de dezembro de 1866)

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso 1951-1952 –Tomos 65 a 68

#### Memorialistas

CENTURION, Juan Crisóstomo. Memórias e Reminiscências Históricas sobre la Guerra del Paraguay, Assuncion, El Lector , 1987.

CERQUEIRA, Dionísio. Reminiscências da Campanha do Paraguai. Rio de Janeiro, Gráfica Laemmert Ltda, 1948.

PIMENTEL, Joaquim S. de Azevedo. Episódios Militares, Rio de Janeiro, Papelaria e Tipografia Luis Macedo, 1897.

TAUNAY, Alfredo d'Escragolle. Cartas de Campanha. São Paulo, Melhoramentos, 1921.

#### BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, Ricardo Caballero. Abnegacion Romântica y Estéril. Ensayo Crítico

Introductório para la Edición de las Memorias o Reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay, del Coronel Juan Crisóstomo Centurión. Assunción, El Lector 1987.

CHIAVENATTO, Julio José. Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1979.

\_\_\_\_\_ O Negro no Brasil. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988

---

<sup>20</sup> Salles, Ricardo. A Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1990. p. 152





- \_\_\_\_\_ Os Voluntários da Pátria e outros Mitos. São Paulo, Global Editora, 1983.
- GORENDER, Jacob. A Escravidão Reabilitada,. São Paulo, Ed. Ática, 1990.
- GRANZIERA, Rui Guilherme. A Guerra do Paraguai e o Capitalismo no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1979.
- POMER, Leon. A guerra do Paraguai: Grande Tragédia Rioplatense. São Paulo, Global Editora, 1980.
- \_\_\_\_\_ Paraguai, nossa guerra contra esse soldado. São Paulo, Centro Editorial Latino-Americano.
- ROSA, José Maria. La Guerra del Paraguay y las Montoneras Argentinas. Buenos Aires, A. Peña Lilli Editor S/A. 1985
- SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1990.